

Quando Adolphe Gesché redescobre Jó: um ensaio sobre o papel da doença na teodiceia

*When Adolphe Gesché rediscovers Job:
an Essay about the Role of Disease in the Theodicy*

Doaldo Ferreira Belem

Resumo

O presente trabalho objetiva fornecer um diálogo entre a Teologia Bíblica e a Sistemática, ao utilizar os pressupostos de Adolphe Gesché nas suas reflexões acerca da doença no livro “O Mal” para analisar o comportamento dos personagens do livro canônico de Jó: o “Jó rebelde” e o *contra Deum*; os amigos de Jó e o *Pro Deum*; Eliú e o *In Deo*; o recurso de Jó a Deus e o *Ad Deum*; e o Jó restabelecido e o *Cum Deum*. Onde está Deus nessa situação, e onde estamos nós em relação a Deus: negamos sua existência, ou estamos contra Deus? Queremos justificar a Deus, culpando exclusivamente o homem? Ele se importa conosco? Podemos orar a Deus? Ele está ou não conosco? Neste ponto, auxilia a obra de Queiruga “Repensar a Salvação”, que esmiúça a questão da oração de petição nessas ocasiões e conclui: Deus está conosco (*Cum Deum*), ainda que não o vejamos, ainda que não possa substituir imediatamente a compreensão do amigo ou o bisturi do médico, ainda que permita nos afundar na dor e, por fim, na morte. Esse é o preço inextinguível da finitude.

Palavras-chave: Livro de Jó. Adolphe Gesché. Teodiceia. Doença.

Abstract

The actual essay aims to supply a dialogue between Biblical and Systematic Theology, by using the presuppositions of Adolphe Gesché in his

reflections about the disease in the book “The Ill” to analyse the behavior of the personages of the canonical book of Job: the “rebel Job” and *contra Deum*; the Job’s friends and *Pro Deum*; Elihu and *In Deo*, the Job’s resource to God and *Ad Deum*; and the restored Job and *Cum Deum*. Where’s God in this situation, and where are we in relation to God: do we negate his existence, or are we against God? Do we want to justify God, blaming exclusively the man? Does he care about us? May we pray to God? Is he with us, or not? In this point, the opus of Queiruga “Rethinking the Salvation” helps, which scrutinizes the matter of petition prayer in these occasions and concludes: God is with us (*Cum Deum*), even we don’t see him, even he can’t substitute at once the comprehension of the friend or the scalpel of the physician, even he admits to sink ourselves in the pain and, at long last, in the death. This is the inextinguishable prize of the finitude.

Keywords: Book of Job. Adolphe Gesché. Theodicy. Disease.

Introdução

Em 2011, uma notícia deixou minha família devastada. Meu cunhado, com apenas 40 anos, foi detectado com câncer. Não que fosse o primeiro caso, seja na minha família ou de minha esposa; mas chamou a atenção pelo fato dele sempre ter sido extremamente religioso, dedicado, e eticamente bom. Surgiu inevitavelmente a pergunta: por que ele ficou doente? Ele não merecia!¹ A tradição religiosa de nossa família, de base evangélica – mais especificamente a pentecostal – não consegue conceber que um crente fiel possa ser vitimado por uma doença tão terrível. Ainda mais que, em poucos meses, ele não resistiu e por fim faleceu.

Automaticamente essa pergunta trouxe à baila outras perguntas: por que, em geral, Deus permite a doença? Não é poderoso para evitá-la? Por que aconteceu isto comigo?² Seria indício de que a pessoa está em pecado, visto que um fiel não poderia ficar doente? Onde está Deus quando adoecemos? Qual é a eficácia da oração? Que tipo de oração Deus atende? Queiruga analisa:

Se Deus pode curar um caso de câncer, então por que não todos os casos de câncer? E se se erradica o câncer, então por que não a Aids, e de fato

¹ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 3.

² QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 137-138.

todas as demais enfermidades; e então por que não todos os inconvenientes que os seres humanos são obrigados a suportar?³

Resumindo: como pode existir o mal, incluindo a doença,⁴ se Deus é onipotente e bom? Não é esta pergunta um genuíno fantasma que assombra a todos aqueles que desejam sinceramente compreender o pecado – e o mal, em geral?⁵ Não por acaso, o mal é “a questão mais inquietante para o homem e a racionalidade moderna”,⁶ “a coisa no mundo que mais revolta o ser humano pela sua irracionalidade, pela sua repugnância e pela perturbação que causa no coração e na razão, pois coloca o Homem diante das interrogações mais últimas”.⁷ Aliás, qual é a exata correlação entre mal e pecado?

De fato, o pecado “produziu distúrbios em todos os aspectos da vida do homem. Sua vida física caiu presa de fraquezas e doenças”.⁸ Podemos reconhecer que, sem o pecado, a doença pelo menos não se apresentaria com os efeitos tão danosos tais com o experimentamos de fato.⁹ Entretanto, mesmo a compreensão pentecostal (embora no imaginário popular isto não seja claro) reconhece que nem toda doença é consequência direta do pecado.¹⁰ Não é simples recorrer a Is 53,4 – “Certamente, foi ele que tomou sobre si as nossas doenças” – pois aqui a palavra traduzida como enfermidade, מַלְטָה, também pode significar sofrimento em geral,¹¹ abrindo a possibilidade de uma abordagem metafórica, e assim afirmar que “o poder do mal é forte e universal, é uma doença sempre presente na vida em todas as manifestações desta”.¹² Por isso, é necessário distinguir entre o “mal subjetivo”, consequência do ato voluntário do homem – e mais diretamente relacionado à questão do pecado; e o “mal objetivo”, o qual existem reais dificuldades em atrelar à moralidade. Doenças mais adequadamente devem ser classificadas como “mal infortúnio”, o qual

³ QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Salvação*, p. 249.

⁴ No hebraico, מַל (‘mal’), enquanto infortúnio, abarca o campo semântico de מַלְטָה, ‘doença’ (KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., מַל, p. 1252). As duas palavras estão unidas (מַלְטָה מַל) em Ecl 6,2 com sentido de ‘sofrimento cruel’ (KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., מַלְטָה, p. 318).

⁵ MARINO, B. R., *Origem, Natureza e Consequências do Pecado*, p. 279.

⁶ BOING, V. M. L. B., *A construção da identidade cristã*, p. 60.

⁷ ROCHA, J. E. R., *Infortúnio e Culpabilidade*, p. 11.

⁸ BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*, p. 261.

⁹ RAHNER, K., *Curso Fundamental da Fé*, p. 143.

¹⁰ PURDY, V., *A Cura Divina*, p. 527.

¹¹ KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., מַלְטָה, p. 318.

¹² BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*, p. 220.

“não encontra explicação numa falta pessoal e deste modo é um mal imerecido”.¹³

Voltando-se para a “fonte da Teologia que é a Bíblia”,¹⁴ olha-se para o livro de Jó, com sua inevitável pergunta: por que o justo sofre? De fato, em nenhuma outra parte das Sagradas Escrituras se “acusa *com* maior intensidade” o escândalo da dor e do mal.¹⁵ O escritor sacro, um gênio anônimo provavelmente no período do pós-exílio, inconformado com a doutrina tradicional da retribuição, proporciona um livro “singularmente moderno”, “inadequado a conformistas”, “difícil lê-lo sem sentir-se interpelado, e difícil compreendê-lo sem se tomar partido”.¹⁶ Isto leva a uma abordagem pela teologia bíblica. Porém, é preciso reconhecer a necessidade de uma abordagem sistemática: uma, que possa encontrar respostas para aqueles que buscam não somente alívio, como também de alguma forma a “razão da esperança” que há em nós (1Pd 3,15).¹⁷ Algo feito magistralmente pelas reflexões de Adolphe Gesché no seu livro “O Mal”, e como ele procura responder onde está Deus nessa situação, e onde estamos nós em relação a Deus: negamos sua existência, ou estamos contra Deus? Queremos justificar a Deus, culpando exclusivamente o homem? Ele se importa conosco? Podemos orar a Deus? Ele está ou não conosco? Adolphe Gesché “pretende levar uma resposta ao Homem que sofre e é vítima do mal antes mesmo de ser culpado do mesmo”.¹⁸

Percebendo que personagens e situações do livro de Jó encaixam-se nessa abordagem proposta por Gesché, o presente trabalho propõe uma possibilidade de integração, diálogo. Principia-se, portanto, com uma análise à luz da teologia bíblica¹⁹ integrada a uma abordagem sistemática. Deve-se esclarecer: uma integração – um “diálogo” –, e não uma suposta “subordinação” de uma à outra. Na busca não exatamente de uma resposta teológica, mas antes de uma que seja satisfatória aos fiéis, segue-se uma análise acerca das perspectivas pastorais. Neste ponto, ajuda muito também a obra de Queiruga “Repensar a Salvação”, que esmiúça a questão da oração de petição, como nesses casos. Como homens de fé precisamos confortar os que sofrem, pois:

¹³ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 3-4.

¹⁴ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 19.

¹⁵ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 121.

¹⁶ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 11-12.

¹⁷ “λόγον περι τῆς ἐν ὑμῖν ἐλπίδος”. Com relação à tradução de λόγος como “razão”, “motivo”, “causa”, ARNDT, W.; DANKER, F. W.; BAUER, W., λόγος, p. 601; e RUSCONI, C., λόγος, p. 289.

¹⁸ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 8.

¹⁹ Por isso, todas as citações bíblicas serão efetuadas a partir de uma tradução própria.

Ao cúmulo do trágico se acrescenta o cúmulo do ridículo ao pretendermos atribuir a responsabilidade do mal infortúnio a erros ou pecados cometidos pelas vítimas. E se esta mentalidade permaneceu ao longo de séculos passados no pensamento cristão continua a estar presente hoje mesmo num pensamento laicista.²⁰

1. Análise sistemático-teológica

1.1. “Jó rebelde” e o Contra Deum

Nesta “disputa” entre o homem e Deus, Gesché analisa em primeiro lugar o *Contra Deum*, o homem posicionando-se contra Deus, que se manifesta ou negando a própria existência de Deus ou negando a sua capacidade em nos livrar do mal. Negar que Deus tenha o poder intrínseco de nos livrar do mal é uma espécie de ateísmo,²¹ ao se perguntar por que Deus ficou “impassível” ao meu sofrimento, não fez algo quando isto não lhe custaria o mínimo esforço.²² A teologia bíblica pós-exílica procura resolver essa difícil situação responsabilizando Satanás, como é insinuado no início do livro de Jó e ao comparar a culpa “atribuída” a Deus em 2Sm 24,1 (uma passagem aceita como pré-exílica) e a passagem paralela em 1Cr 21,1 atribuindo o mesmo fato agora a Satanás.²³ Porém Deus é criador de tudo, incluindo Satanás; o monoteísmo hebraico jamais aceitaria o dualismo persa de um deus do mal e outro do bem. Assim, em última instância, muitos entendem que o mal seria então provocado pelo próprio Deus. O Novo Testamento apresenta uma variante dessa ideia ao associar as doenças com o demonismo; em Lc 13,11-17, encontramos uma mulher mantida presa por Satanás.²⁴ Calamidades de várias espécies, como doenças, acidentes e perdas, muitas vezes eram atribuídas no pensamento judaico da época de Jesus à influência danosa de espíritos maus.²⁵ Mas essa é uma simplificação exacerbada,²⁶ e mesmo o Novo Testamento não busca uma

²⁰ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 4.

²¹ GESCHÉ, A., O mal, p. 14-15.

²² QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 248-249.

²³ HUBBARD, D. A. et al., 1 Chronicles, p. 216.

²⁴ PURDY, V., A Cura Divina, p. 506.

²⁵ BERKHOF, L., Teologia Sistemática, p. 141.

²⁶ PURDY, V., A Cura Divina, p. 507.

explicação racional para o mal.²⁷ Mas permanece o princípio de que Deus não é nem pode ser a origem do mal, no máximo “permitindo” o mal.²⁸

Entretanto, um “Deus que permite o sofrimento não é o Deus cristão”.²⁹ Isto dá munição para os que se identificam como autênticos ateus: “Eu honro mais o Deus de vocês dizendo que ele não existe do que dizendo que ele quis ou permitiu o mal”. O crente, a fim de não abrir mão de sua fé, grita, reclama, se insurge correndo o risco mesmo de blasfemar.³⁰ Levanta a mão contra Deus, como na inscrição funerária mencionada por Queiruga: “Procópio, levanto as minhas mãos contra deus que a mim, jovem inocente, levou com vinte anos”.³¹ É o homem rebelde, representado pelo “Jó rebelde”, conforme analisado por Vilchez Lindez.³² Chega a dizer atrevidamente: “Hoje também minha queixa é de um rebelde” (Jó 23,2); “Porventura é contra um homem minha queixa? Ou por que se impacienta meu espírito?” (21,4).³³ A impaciência de Jó resulta do fato de não obter uma resposta da parte de YHWH,³⁴ não aceita seu destino e deseja “confrontar” o autor de seu infortúnio, fazendo-se merecedor do epíteto “rebelde”,³⁵ uma vez que reconhece ser sua queixa um “desafio”.³⁶ Em 23,2 o substantivo מְרִיב pode significar “rebelião”,³⁷ mas pode perfeitamente comportar-se como um adjetivo (Nm 17,25; Is 30,9).³⁸ Uma vez que não se aceita, seja no pensamento moderno (e mesmo no pensamento bíblico) a ideia de fatalidade grega ou uma resignação heroica estoica,³⁹ o pensamento do “Jó rebelde” ressoa como se “Deus é quem deve justificar-se perante o tribunal do homem por causa do infeliz estado em que se encontra o mundo”.⁴⁰ Mas para Jó é razoável queixar-se de Deus, precisamente por crer neste mesmo Deus.⁴¹ Certamente não podemos ficar contra Deus; mas como resguardar-se para não

²⁷ GARCIA RUBIO, A., *Unidade na Pluralidade*, p. 615.

²⁸ QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Salvação*, p. 128.

²⁹ BOING, V. M. L. B., *A construção da identidade cristã*, p. 62.

³⁰ GESCHÉ, A., *O mal*, p. 16.

³¹ QUEIRUGA, A. T., *Recuperar a Salvação*, p. 261-262.

³² VILCHEZ LINDEZ, J., *Sabedoria e sábios em Israel*, p. 140 passim.

³³ VILCHEZ LINDEZ, J., *Sabedoria e sábios em Israel*, p. 142.

³⁴ CLINES, D. J. A., *Job 21–37*, p. 523.

³⁵ CLINES, D. J. A., *Job 21–37*, p. 593.

³⁶ Para a tradução de מְרִיב como “rebelde”, CLINES, D. J. A., מְרִיב, p. 485. v.5.

³⁷ KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., מְרִיב, p. 635.

³⁸ ALONSO-SCHÖKEL, L., מְרִיב, p. 403.

³⁹ GESCHÉ, A., *O mal*, p. 41.

⁴⁰ RAHNER, K., *Curso Fundamental da Fé*, p. 116.

⁴¹ ALONSO-SCHÖKEL, L., *Job*, p. 99.

culpar este mesmo Deus? É nesse momento que entram os amigos de Jó e a abordagem feita por Gesché do “*pro Deo*”.

1.2. Os amigos de Jó e o Pro Deo

O relato sacerdotal de Gn 1 salienta que Deus é bom, e tudo o que ele cria é bom.⁴² Mas no relato não sacerdotal da sequência, de Gn 2 em diante, como um ato pecaminoso no início determina de certo modo o destino posterior dos homens, há uma espécie de concatenação de pecados e de consequências do pecado (Gn 4,8.23-24 etc.), que nos mostra que o mal não vem de Deus, mas do homem. O pecado gera pecado, o homem é integralmente responsável por seu destino sobre a terra.⁴³ Neste ponto, Gesché analisa o *Pro Deo*, o qual “procura inocentar Deus de qualquer responsabilidade culpável do mal”.⁴⁴ Este grupo de pessoas é representado pelos “amigos de Jó”,⁴⁵ os quais fazem exatamente isso: sentem-se na obrigação de defender a Deus, mas acusando Jó.⁴⁶

O raciocínio dos amigos de Jó é bem simplista: *todo* o mal do mundo, *todo* o terrível sofrimento da história seria devido – em última e decisória instância – a um *castigo* divino.⁴⁷ Deus recompensa o justo e castiga o injusto (Jó 4,7-11); portanto, o homem gera o seu próprio sofrimento (5,7); talvez Jó tenha algum pecado escondido (4,12-21), e conseqüentemente deve o mais rápido possível se arrepender para ser liberto da sua terrível situação (5,18-26).⁴⁸ Como explica Clines:

Jó não necessita se sentir vítima de um universo caprichoso, ou de uma falha fatal na constituição humana; não, há uma falta particular no comportamento de Jó a qual trouxe sobre ele sua presente tribulação, e a simples particularidade da falta assegura certamente que todo sofrimento correspondente será de curta duração.⁴⁹

Ainda que esses amigos estejam bem intencionados e desejem sinceramente vê-lo restaurado, buscando palavras de consolo sem descuidar de

⁴² GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 618.

⁴³ LADARIA, L., Introdução à Antropologia Teológica, p. 87.

⁴⁴ GESCHÉ, A., O mal, p. 18.

⁴⁵ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 13.

⁴⁶ VILCHEZ LINDEZ, J., Sabedoria e sábios em Israel, p. 152.

⁴⁷ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 242.

⁴⁸ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 19.

⁴⁹ CLINES, D. J. A., Job 1–20, p. 142.

argumentos não conseguem perceber o quanto estão senso “rigorosos” com Jó.⁵⁰ Apela-se à experiência (5,8), citando ditos proverbiais contidos na Bíblia sem qualquer senso crítico (Os 8,7; 10,12-13; Pr 22,8).⁵¹ Hoje alguns conseguem ser ainda mais rigorosos do que estes “amigos” de Jó, ao ensinarem que um crente enfermo é uma vergonha. E. W. Kenyon chega a afirmar que “é pecado ficarmos com doenças e enfermidades”. Pode o pecado nos deixar fisicamente doentes? Sim, mas isto não é afirmar que cada doença é resultado direto do pecado.⁵² “Procura-se um culpado, porque o desejo humano é de ver justificado todo o mal”.⁵³ O próprio Jesus não aceita a crença popular segundo a qual todo sofrimento seria consequência do pecado (Jo 9,3).⁵⁴ Todas as doenças seria impropriedades, segundo B. R. Marino, em última análise, do mal, porém não necessariamente do pecado daquele que está enfermo (Jo 9,1-3), embora este possa ser o caso (Sl 107,17; Is 3,17; At 12,23).⁵⁵ Mesmo no Antigo Testamento o autor não-sacerdotal, outrora identificado como o javista da teoria documental, tentava explicar etiologicamente que a situação negativa em que se encontra a humanidade atual não é resultado da criação de Deus, mas é unicamente fruto da desobediência do ser humano em face ao desígnio de YHWH.⁵⁶

Mas Jó protesta sua inocência, convida seus “amigos” a mostrar-lhe em que ele errou (Jó 6,22-24), e sente-se naturalmente agredido com a hipótese levantada de sua culpabilidade (5,7).⁵⁷ No seu desespero Jó chega a usar de ironia com uma raiz hebraica do vocabulário sapiencial, ירה, “ensinar”: “Ensina-me, e me calarei; e, no que errei, faze-me entender!” (6,24).⁵⁸ Na mesma passagem “errar” traduz a raiz אָשָׁא, cujo significado é “pecar involuntariamente”, e não propositalmente.⁵⁹ Por isso, o *Pro Deo* é a semente venenosa de um Deus exclusivamente como castigador cruel;⁶⁰ “os amigos não se solidarizam, Deus não se compadece, e Jó está quase morrendo”.⁶¹ Temos

⁵⁰ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 35; POPE, M. H., Job, p. 36.

⁵¹ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 37.

⁵² PURDY, V., A Cura Divina, p. 527.

⁵³ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 4.

⁵⁴ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 622.

⁵⁵ MARINO, B. R., Origem, Natureza e Consequências do Pecado, p. 278.

⁵⁶ GARCIA RUBIO, A., Unidade na Pluralidade, p. 647. Ver também ORNELLA, E. M., Jó 14,13-17, p. 611-622.

⁵⁷ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 20.

⁵⁸ CLINES, D. J. A., Job 1–20, p. 180. Sobre o uso da raiz ירה em Jó 6,24, ver ainda CLINES, D. J. A., ירה III, p. 291-292. v.4.

⁵⁹ KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., אָשָׁא, p. 1413. Também: SEIDL, T., אָשָׁא/אָשָׁא, p. 400.

⁶⁰ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 242.

⁶¹ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 31.

uma ideia deturpada da justiça divina, um terrível antropomorfismo no fundo.⁶² O *Pro Deo*, embora “bem intencionado”, de forma alguma constitui uma resposta satisfatória. Conclui Gesché: “O mal é algo muito monstruoso para que se possa olhá-lo sem se escandalizar. (...) O erro no *Pro Deo* é encobrir, logo de início, esse espanto e esse escândalo”.⁶³

1.3. Eliú e o In Deo

Uma verdadeira concepção de Deus nos convida a não excluí-lo, não importa como, simplesmente do problema.⁶⁴ O primeiro tópico – *Contra Deum* – excluía Deus por falta (Deus não existe). O segundo – *Pro Deo* –, por excesso (Ele está acima dessa questão) e nos levaria a afirmar que a questão não lhe diz respeito!⁶⁵ Deus vincula-se ao problema – e, desta forma, podemos passar o problema para Deus, depositá-lo em Deus, *in Deo*.⁶⁶ Deus absolutamente não está fora!⁶⁷

Para o Gênesis, *o mal é aquilo que não foi previsto*: é desprovido de sentido, um irracional absoluto.⁶⁸ Mas se Deus não é a causa do mal, deve haver algum propósito para o sofrimento, mediante uma espécie de “permissão”.⁶⁹ Como? No livro de Jó, nos capítulos 32 a 37 aparece então um novo personagem, tão insatisfeito com a natureza inconclusiva dos argumentos apresentados pelos três “amigos” que aventura-se a fornecer uma resposta melhor: Eliú.⁷⁰ Este muda o foco: ao invés de se perguntar o “por quê”, indaga “para quê”, vendo como que uma “função pedagógica do sofrimento”, afirmando que Deus, de alguma forma, fala através até mesmo da doença.⁷¹

Eliú responde a Jó: “Por que contendes com Ele? Porque não te respondes nenhuma palavra?” (33,13). Em Seguida, Eliú argumentará que Deus fala sim com os seres humanos, basicamente de duas formas (33,14): sonhos e enfermidade.⁷² A possibilidade de Deus falar mediante sonhos é esmiuçada em

⁶² QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236.

⁶³ GESCHÉ, A., O mal, p. 20.

⁶⁴ GESCHÉ, A., O mal, p. 18-19.

⁶⁵ GESCHÉ, A., O mal, p. 20.

⁶⁶ GESCHÉ, A., O mal, p. 22.

⁶⁷ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236.

⁶⁸ GESCHÉ, A., O mal, p. 43.

⁶⁹ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236.

⁷⁰ ANDERSEN, F. I., Jó, p. 48.

⁷¹ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 58.

⁷² ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 159; CLINES, D. J. A., Job 21–37, p. 730.

33,15-18, um recurso explorado em outras passagens bíblicas (Gn 37; Dn 2) e dentro do próprio livro de Jó (Jó 7,14).⁷³ Então Eliú explora em 33,19-22 a possibilidade da “função pedagógica” da doença, do sofrimento:

Também corrige com sofrimento sobre seu leito: uma luta permanente em seus ossos! Sua vida repugna o pão, e sua alma comida desejável! Sua carne desaparece visivelmente, e ficam descobertos seus ossos não vistos! E aproxima-se da cova sua alma, e sua vida dos executores!

Eliú não somente assegura a *possibilidade* dessa função pedagógica da doença, como também garante que mesmo à porta da morte, mesmo que esteja diante de um executor – um carrasco, Deus não deixará que seu servo pereça, pois enviará um “anjo intercessor”, que rogará pela sua vida a Deus (33,23-28).⁷⁴ Isto porque todos os executores, mesmo que seja Satanás do início do livro, estão debaixo do controle divino.⁷⁵ O “anjo intercessor”, מַלְאָךְ מְלִיצִין, também pode ser compreendido como “anjo intérprete”, ou seja, para “interpretar” o “propósito divino” no sofrimento humano.⁷⁶

Contudo, ainda que haja “mil desses anjos” (33,23), longe de responder, Eliú com sua proposta suscita outro questionamento: há momentos que Deus se compraz com a dor humana? Os fins justificam os meios? Eliú chega a causar irritação por desconsiderar o sofrimento – principalmente do justo e do pobre.⁷⁷ Embora a fé nos leve a descobrir a presença transcendente divina em todos os acontecimentos,⁷⁸ esse Deus em-si, ao fazer-se Deus para-nós, fez sua essa causa: tomou sobre si essa questão.⁷⁹ Citando G. Bernanos: “Parece-me que uma dor verdadeira que sai do homem pertence primeiro a Deus”.⁸⁰ “Ele é o primeiro afetado, pois o mal – o que nos acontece ou o que cometemos – consiste antes de todo numa contradição direta à sua ação criadora, numa oposição frontal à sua intenção salvadora”.⁸¹

⁷³ CLINES, D. J. A., Job 21–37, p. 731.

⁷⁴ CLINES, D. J. A., Job 21–37, p. 734.

⁷⁵ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 160.

⁷⁶ CLINES, D. J. A., Job 21–37, p. 735. Sobre a possibilidade de traduzir מְלִיצִין como “intercessor”, KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W., מְלִיצִין, p. 590; como “intérprete”, ALONSO-SCHÖKEL, L., לְרִצִין/לִיצִין, p. 344 e BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., לִיצִין, p. 529.

⁷⁷ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 62.

⁷⁸ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 251.

⁷⁹ GESCHÉ, A., O mal, p. 23.

⁸⁰ *Apud* GESCHÉ, A., O mal, p. 24.

⁸¹ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236.

A resposta de Eliú não foi satisfatória – de fato Deus precisa me fazer sofrer, para me ensinar algo? Embora seja certo vincular Deus com nossas dores e sofrimentos, contradiz o fato de que Jesus dedica todo seu esforço a fim de combater o mal – “Deus *quer e pode* eliminar o mal”.⁸² Precisamos recorrer a Deus. Mesmo que seja para demonstrar sua repugnância, como faz Jó em 10,1 (“expressarei livremente minhas queixas”); em vez de conservar essa questão para ele, dentro dele – o crente deve se *dirigir* a Deus (*Ad Deum*).⁸³

1.4. O recurso de Jó a Deus e o Ad Deum

Adotando a lógica da fé (*In Deo*), a teologia descobre o *Ad Deum* como a possibilidade, o direito e o poder do crente interpelar seu Deus.⁸⁴ Nas palavras de Gesché, este se dirige a Deus passando do “ele” (do *Contra* e do *Pro*) ao “tu”; do debate de monólogo interior (eu discuto *sobre* Deus) ao debate de diálogo (eu falo *com* Deus).⁸⁵

O cristão e Jó se dirigem a Deus na segunda pessoa (isso é tomar a palavra, dizer algo), e até com veemência, mas tal veemência é a da fé.⁸⁶ Questão do homem, sem dúvida nenhuma, mas questão do homem que chega até Deus.⁸⁷ O Jó que não somente se queixa, mas deseja falar com Deus aparece no seu monólogo dos capítulos 29 a 31 – inapropriadamente chamado de monólogo por muitos estudiosos bíblicos,⁸⁸ pois “seu interlocutor direto é Deus, mas este ainda não se manifestou”.⁸⁹ Ainda que Jó clame com todas as forças de sua alma, Deus apenas “contempla” impassivelmente, como que desdenhando dos seus sofrimentos (Jó 30,20).⁹⁰ Como se implorasse por auxílio, e Deus tão somente lhe cravasse um olhar reprovador!⁹¹

Diante da necessidade de continuar afirmando a presença viva de Deus e concebê-la como uma espécie de presença intermitente,⁹² surge o recurso da oração. Mediante a oração homens geniais como Jeremias mantiveram uma

⁸² QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 127.

⁸³ GESCHÉ, A., O mal, p. 25.

⁸⁴ GESCHÉ, A., O mal, p. 29.

⁸⁵ GESCHÉ, A., O mal, p. 25.

⁸⁶ GESCHÉ, A., O mal, p. 25-26; ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 13.

⁸⁷ GESCHÉ, A., O mal, p. 32.

⁸⁸ ANDERSEN, F. I., Jó, p. 229.

⁸⁹ STORNILO, I., Como ler o livro de Jó, p. 51.

⁹⁰ CLINES, D. J. A., Job 21-37, p. 1007.

⁹¹ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 144.

⁹² QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 245.

vivíssima relação com o Deus.⁹³ Entretanto, sendo Deus onisciente, não sabe de antemão o que necessitamos, ou o que havemos de pedir? Como diz o salmista, “sem palavra na minha língua, e tu, YHWH, já a conheces completamente” (Sl 139,4). Não foram poucos o que, na história do pensamento cristão, debateram essa questão, como Agostinho (“as palavras são necessárias para nós”), Tomás de Aquino (“a oração não é oferecida a Deus para mudá-lo, senão para excitar em nós a confiança de pedir”) e Kierkegaard (“a oração não muda a Deus, mas sim quem a oferece”).⁹⁴

Embora Jesus utilizasse a petição, Mateus mostra uma radical reserva crítica diante dela – “ao orardes não useis de repetições fúteis” (Mt 6,7); “pedi e recebereis, buscai e encontrareis, batei e vos será aberto” (Lc 11,9) expressa a confiança sem reservas.⁹⁵ Entretanto, uma das mais ousadas declarações evangélicas acerca da oração encontra-se em Mc 11,24: “Por isso digo-vos: tudo que orardes e pedirdes, crede que já recebestes, e assim se realizará para vós”. Há aqui o enigmático aoristo ἐλάβετε (verbo λαμβάνω, “receber”) do texto crítico, que de tão “perturbador” foi substituído em alguns manuscritos, seja pelo presente do indicativo λαμβάνετε da tradição bizantina, seja ainda pelo futuro do indicativo λημψεσθαι do códice Bezae. Embora tratado como “perfeito semítico” com “significado profético”,⁹⁶ aqui o sentido é de exortar a uma confiança sem limites,⁹⁷ a “certeza do futuro cumprimento de uma petição”.⁹⁸

Estamos no caminho certo. Porém, mesmo com uma confiança sem reservas, e sem limites, existem momentos que Deus parece não responder às orações. Não basta orar, interpelar Deus, dirigir-se a Ele: precisamos entender algo mais. Como declara Jó no seu “monólogo”: “Que Shaddai me responda!” (Jó 31,35).

⁹³ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 121.

⁹⁴ *Apud* QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 259.

⁹⁵ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 260

⁹⁶ OMANSON, R. L.; METZGER, B. M., A Textual Guide to the Greek New Testament, p. 92. Sobre o uso do aoristo ἐλάβετε, France afirma que “é a expressão mais arrojada e impactante, enquanto λαμβάνετε parece ser uma correção que suaviza” (FRANCE, R. T., The Gospel of Mark, p. 435).

⁹⁷ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 261.

⁹⁸ EVANS, C. A., Mark 8:27–16:20, p. 192.

1.5. O restabelecimento de Jó e o Cum Deum

Neste momento, Gesché apresenta o *Cum Deo*, e de maneira muito apropriada declara: “Somente Deus pode aqui ser invocado. Deus desceu no mal”.⁹⁹ A relação de Deus com o mal provém dessa posição de Sujeito, não mais de algum modo passivo, mas ativo. O homem luta com Deus e não sem Ele.¹⁰⁰ O *Cum Deo* significa exatamente isto: é a minha luta que Deus trava e é a luta de Deus que eu travo.¹⁰¹ Deus está comigo. Após tão desesperadamente implorada, finalmente ocorre a teofonia.¹⁰² Aqui, Jó tem uma experiência inigualável: descobre Deus. Jó havia dito isso de forma admirável: “Conhecia-te por ouvir dizer; mas agora, os meus olhos te viram!” (Jó 42,5). Esse Deus do ouvi-dizer é o Deus dos teístas, perdido na distância de sua “permissão”.¹⁰³

Na teofania e na palavra, Jó se encontrou com Deus, e esta profunda experiência religiosa supera toda a tradição teológica das escolas, os discursos dos sábios; além do mais, supera uma ideia limitada de Deus, que distinguia seu saber de sua justiça. Deus era um tema de discussão na boca dos amigos, Deus é agora um a quem Jó tem encontrado.¹⁰⁴

Por outro lado, o correto é pensar o tema da oposição de Deus ao mal antes do tema da permissão, preferivelmente ao movimento inverso.¹⁰⁵ Percebendo maravilhosamente essa nova realidade, Jó declara: “por isso repugno-me, e me arrependo no pó e na cinza” (42,6). Descobre que Deus estará sempre ao lado dos humanos contra o mal, anunciando a esperança da libertação.¹⁰⁶ E Deus se apresenta de imediato, como aquele que está com o homem nessa luta.¹⁰⁷ Ao lado das vítimas, na qual sua presença liberta o ser humano tanto da miséria radical que o oprime – o pecado – como de suas consequências – a doença, a fome, o desprezo.¹⁰⁸ De forma esplêndida, Jó deixa de ser o rebelde dos capítulos 3 a 27, e descobre o *Cum Deo* gescheano!¹⁰⁹

⁹⁹ GESCHÉ, A., O mal, p. 80.

¹⁰⁰ GESCHÉ, A., O mal, p. 29-30.

¹⁰¹ GESCHÉ, A., O mal, p. 33.

¹⁰² VILCHEZ LINDEZ, J., Sabedoria e sábios em Israel, p. 157.

¹⁰³ GESCHÉ, A., O mal, p. 33.

¹⁰⁴ ALONSO-SCHÖKEL, L., Job, p. 198.

¹⁰⁵ GESCHÉ, A., O mal, p. 35.

¹⁰⁶ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 238.

¹⁰⁷ GESCHÉ, A., O mal, p. 30.

¹⁰⁸ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 126.

¹⁰⁹ Ver também FERNANDES, L. A., Jó 42,5, p. 336-349.

Porque agora Deus aparece ao nosso lado diante do mal, que afeta a Ele no seu amor, inclusive antes que afete a nós, compreende a sua gravidade e de algum modo sofre a sua dureza.¹¹⁰ Por isso a atitude verdadeira, é a de ver a Deus já do nosso lado, compadecendo-se do nosso sofrimento, oferecendo a sua ajuda, mobilizando todos os recursos: Deus não está com a enfermidade, senão com o enfermo, apoiando-o e suscitando nos demais o desejo e capacidade de ajuda.¹¹¹ Depois de ter ouvido a estrondosa acusação de Jó (e certamente também o seu ato de esperança), Deus dirá que Jó falou bem dele, ao contrário de seus amigos, peritos em teodiceia e mais aptos a encontrar uma explicação.¹¹²

Se Deus está conosco, porque não ouve às vezes nossas orações, nossos pedidos por cura principalmente? O mal, a dor física e a carência moral introduzem-se no mundo “em virtude da estrutura do ser participado”.¹¹³ O mal, nas criaturas, é uma inevitabilidade ôntica que surge justamente de sua própria limitação constitutiva;¹¹⁴ Whitehead define Deus como “o poeta do mundo”; mas o esforço criativo desse poeta tem que contar com os limites inerentes da natureza própria das criaturas, a matéria-prima.¹¹⁵ Para evitar o mal a base de milagres, essa onipotência abstrata teria que suprimir o mundo concreto.¹¹⁶ Na sua discussão acerca da providência, Queiruga mostra que a “sabedoria divina estabelece limites aos mares” (Jó 38,10; Jr 5,22).¹¹⁷

2. Perspectivas pastorais

Jó encontra Adolphe Gesché? Ou antes, este “redescobre” o livro de Jó? Curiosamente, foi uma preocupação pastoral de Agostinho de Hipona que proporcionou uma espécie de “desvirtuamento” do exposto no livro de Jó. Segundo Adolphe Gesché, a partir do grande mestre “prevaleceu no cristianismo ocidental a ideia de que toda a culpa do mal no mundo é proveniente do sujeito humano”.¹¹⁸ A preocupação agostiniana com o maniqueísmo teria proporcionado este tipo de pensamento, pois “prefere um

¹¹⁰ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 234.

¹¹¹ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236-237.

¹¹² GESCHÉ, A., O mal, p. 31.

¹¹³ LADARIA, L., Introdução à Antropologia Teológica, p. 94.

¹¹⁴ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 133.

¹¹⁵ *Apud* QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 253.

¹¹⁶ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 249.

¹¹⁷ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 254.

¹¹⁸ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 26.

Homem responsável, até mesmo culpado, a um Homem que seria fatalizado, imobilizado diante do destino”.¹¹⁹

É esta a grandeza de Santo Agostinho: o de apresentar o Homem com vantagem sobre o mal, contra todas as resignações estoicas. Contudo, esta sua grandeza teve como fatura a pagar o silenciamento do mal inocente, do mal sob o aspecto de mal-infortúnio. (..) Tendo tido a vantagem de se opor ao maniqueísmo e de afirmar a liberdade do sujeito humano, esta visão redutora encerra toda a problemática da culpabilidade e responsabilidade no mal de culpa e no mal de castigo, anulando a legitimidade da luta contra este mal desgraça pois se se atribui a um castigo divino deve ser respeitada a vontade de Deus.¹²⁰

Jó, mesmo descobrindo o *Cum Deum* gescheano, continua não entendendo nada,¹²¹ não tem sua pergunta respondida: porque eu soffro? No caminho percorrido por Gesché e pelo livro de Jó, descartamos algumas respostas: não devemos estar contra Deus, como se posicionou o Jó rebelde e que por isso foi repreendido pelo próprio Deus (Jó 38,2); nem devemos culpar o homem para justificar ou mesmo inocentar Deus – os amigos de Jó também foram duramente repreendidos por Deus (42,7-8); também não precisamos atribuir uma função pedagógica ao sofrimento – Eliú sequer é mencionado ao final do livro.¹²²

Deus fala do meio de um redemoinho, de uma tempestade, tormenta (38,1).¹²³ “A tormenta sugere-nos o oculto, o indecifrável, o incompreensível de Deus; em uma palavra: seu mistério”.¹²⁴ Se a pergunta “por que soffro?” não foi respondida, foi respondida a Jó a pergunta que não foi feita por ele: “Deus está comigo?” Sim, pois como diz Whitehead, Deus é “o grande Companheiro, o camarada no sofrimento, que compreende”.¹²⁵ Quando não somos curados, mesmo ao orar, isto não anula essa verdade básica mostrada por Gesché.

¹¹⁹ GESCHÉ, A., O mal, p. 123.

¹²⁰ ROCHA, J. E. R., Infortúnio e Culpabilidade, p. 27.

¹²¹ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 121.

¹²² Obviamente, este fato corresponde às várias etapas de elaboração do livro (VILCHEZ LINDEZ, J., Sabedoria e sábios em Israel, p. 156). Contudo, esse dado diacrônico não compromete esta abordagem sincrônica, e conseqüentemente a sistemática. Ver também SILVA, W. L., O Livro de Jó e suas questões internas, p. 322-335.

¹²³ A palavra hebraica עָרָבָה pode ser traduzida como tempestade, tormenta (BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., עָרָבָה, p. 704).

¹²⁴ VILCHEZ LINDEZ, J., Sabedoria e sábios em Israel, p. 158.

¹²⁵ *Apu*d QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 236.

Podemos concordar totalmente com McConnell, conforme citado por Purdy: “Não devemos negar a cura divina, nem reduzi-la a simples ‘passos’ ou ‘princípios’ ou ‘fórmulas’ que Deus é obrigado a atender”.¹²⁶ Concluímos com Queiruga: “Deus está conosco, ainda que não o vejamos, ainda que não possa substituir imediatamente a compreensão do amigo ou o bisturi do médico, ainda que tenha de nos deixar afundar na dor e, por fim, na morte. Esse é o preço inextinguível da finitude”.¹²⁷ “Portanto, consolai-vos mutuamente com estas palavras” (1Ts 4,18). Como bem salientou Adolphe Gesché, o mal faz “extraviar-se” a razão e “fugir” as palavras.¹²⁸ Porém, é necessário “reafirmar a defesa de Deus como real existência de libertação do ser humano”.¹²⁹

Conclusão

Se Adolphe Gesché redescobre a teologia de Jó e vai além numa abordagem sistemática, este trabalho não apenas proporciona uma integração entre a teologia bíblica e a teologia sistemática, como também oferece orientações pastorais. Uma teologia não deve apenas conceder respostas aos acadêmicos: precisa confortar os que sofrem, “chorar com os que choram” (Rm 12,15). Se ao estudar o lugar da doença na teodiceia os teólogos não conseguem responder adequadamente por que uma pessoa adocece, e por fim morre – uma resposta que nem mesmo o livro de Jó forneceu – Adolphe Gesché evidencia o mais importante: nestes momentos Deus está conosco. Se Jó não responde à pergunta “por que sofro?”, Adolphe Gesché responde à pergunta que não foi feita: “onde está Deus?”. É o ápice do exposto em Mt 1,23 no qual Jesus é cognominado de Emanuel, o “Deus conosco”. Como afirmou Queiruga, Deus está conosco mesmo que venhamos a nos afundar na doença e, e por fim, na morte – o “preço inextinguível da finitude”. Se teologicamente ainda percebemos lacunas, essa é a melhor resposta pastoral – a mais sincera, no mínimo.

Referências bibliográficas

ALAND, K. et al. **Novum Testamentum Graece**. 28. Rev. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

¹²⁶ PURDY, V., A Cura Divina, p. 528.

¹²⁷ QUEIRUGA, A. T., Recuperar a Salvação, p. 185.

¹²⁸ GESCHÉ, A., Le mal et la lumière, p. 17.

¹²⁹ BOING, V. M. L. B., A construção da identidade cristã, p. 60.

- ALONSO-SCHÖKEL, L. לוי/לוי. In: ALONSO-SCHÖKEL, L. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 344.
- ALONSO-SCHÖKEL, L. מרי. In: ALONSO-SCHÖKEL, L. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 403.
- ALONSO-SCHÖKEL, L. **Job**. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1971.
- ANDERSEN, F. I. **Jó: Introdução e Comentário**. São Paulo: Edições Vida, 1984.
- ARNDT, W.; DANKER, F. W.; BAUER, W. λόγος. In: ARNDT, W.; DANKER, F. W.; BAUER, W. **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 598-601.
- BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- KITTEL, R. et al. **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. Editio quinta emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.
- BOING, V. M. L. B. **A construção da identidade cristã: a concepção cristã de ser humano na perspectiva de Adolphe Gesché**. Rio de Janeiro, 2008. 136p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. לוי. In: BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 2000. p. 539.
- BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. מרי. In: BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 2000. p. 704.
- CLINES, D. J. A. **Job 1–20**. Dallas: Word, Incorporated, 1998.
- CLINES, D. J. A. **Job 21–37**. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2006.
- CLINES, D. J. A. ירה III. In: CLINES, D. J. A. **The Dictionary of Classical Hebrew**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2011. p. 291-292. v.4.
- CLINES, D. J. A. מרי. In: CLINES, D. J. A. **The Dictionary of Classical Hebrew**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2011. p. 485-486. v.5.
- EVANS, C. A. **Mark 8:27–16:20**. Dallas: Word, Incorporated, 2001.

FERNANDES, L. A. Jó 42,5: “Deus deixa-se experimentar”. **Atualidade Teológica**, v. 16, n. 41, p. 336-349, mai./ago. 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21668/21668.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 27 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.21668>

FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans; Carlisle: Paternoster Press, 2002.

GARCIA RUBIO, A. **Unidade na Pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2006.

GESCHÉ, A. **Le mal et la lumière**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.

GESCHÉ, A. **O mal**. São Paulo: Paulinas, 2003.

HUBBARD, D. A. et al. **1 Chronicles**. Dallas: Word, Incorporated, 1998.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. קָלִי. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament** (electronic ed.). Leiden / New York: E. J. Brill, 1999. p. 318.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. מְלִיץ. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament** (electronic ed.). Leiden / New York: E. J. Brill, 1999. p. 590.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. מְרִי. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament** (electronic ed.). Leiden / New York: E. J. Brill, 1999. p. 635.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. רָע. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament** (electronic ed.). Leiden / New York: E. J. Brill, 1999. p. 1250-1253.

KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. אֲשַׁמֶּה. In: KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament** (electronic ed.). Leiden / New York: E. J. Brill, 1999. p. 1412-1413.

LADARIA, L. **Introdução à Antropologia Teológica**. São Paulo: Loyola, 2007.

MARINO, B. R. Origem, Natureza e Consequências do Pecado. In: HORTON, S. (Org.). **Teologia Sistemática: uma Perspectiva Pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

OMANSON, R. L.; METZGER, B. M. **A Textual Guide to the Greek New Testament**: an adaptation of Bruce M. Metzger's Textual commentary for the needs of translators. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

ORNELLA, E. M. Jó 14,13-17: uma resposta à Palavra de Deus **Atualidade Teológica**, v. 18, n. 48, p. 611-622, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24502/24502.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 27 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.24502>

POPE, M. H. **Job**: Introduction, translation, and notes. New Haven / London: Yale University Press, 2008.

PURDY, V. A Cura Divina. In: HORTON, S. (Org.). **Teologia Sistemática**: uma Perspectiva Pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

QUEIRUGA, A. T. **Recuperar a Salvação**. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ROCHA, J. E. R. **Infortúnio e Culpabilidade**: O mal no pensamento de Adolphe Gesché. Portugal, 2012. 60p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa.

RUSCONI, C. λόγος. In: RUSCONI, C. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 288-289.

SEIDL, T. אֱשֶׁר/הָאֱשֶׁר. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Orgs.). **Theological Dictionary of the Old Testament**. Revised Edition. Grand Rapids, MI / Cambridge, U.K.: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004. p. 397-405. v.14.

SILVA, W. L. O Livro de Jó e suas questões internas. **Atualidade Teológica**, v. 16, n. 41, p. 322-335, mai./ago. 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21679/21679.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 27 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.21679>

STORNIOLO, I. **Como ler o livro de Jó**: o desafio da verdadeira religião. São Paulo: Paulus, 1992.

VILCHEZ LINDEZ, J. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1999.

Doaldo Ferreira Belem

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: doaldofb@uol.com.br

Recebido em: 14/01/2019
Aprovado em: 27/02/2020